

Literatura e Medicina: o caso do médico e humanista português, Amato Lusitano¹

António Maria MARTINS MELO
Universidade Católica Portuguesa – Braga
antmelo@braga.ucp.pt

Recibido: 20/09/2013

Aceptado: 24/06/2014

Resumo

A partir da relação entre medicina e literatura, que é antiga, o A. vai situar a sua pesquisa na época dos descobrimentos portugueses, no séc. XVI, mais precisamente no médico albicastrense Amato Lusitano.

Amato Lusitano (João Rodrigues de Castelo Branco) publica o seu primeiro livro em 1536 o qual, abreviadamente, dá pelo nome de «Index Dioscoridis» e se inspira no tratado grego de Dioscórides que, em tradução latina, dá pelo título de «De materia medica libri quinque». Estes seus comentários haviam de ser mais desenvolvidos numa publicação posterior, em 1553, a obra «In Dioscoridis Enarrationes», concluída já em Ferrara.

Alguns passos seleccionados destas obras servirão ao A. para expor algumas conclusões atinentes ao tema indicado, dando conta, nomeadamente, de duas referências

1. Texto da comunicação apresentado no âmbito do XIX Congresso da Sociedade Brasileira de Estudos Clássicos / I Simpósio Luso-Brasileiro de Estudos Clássicos *O Futuro do Passado*, na Universidade de Brasília, de 8 a 12 de Julho de 2013, um evento que teve como promotor a Sociedade Brasileira de Estudos Clássicos (SBEC) e por co-promotores A Associação Portuguesa de Estudos Clássicos (APEC) e a UNESCO – Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura.

Este trabalho foi desenvolvido no âmbito do Projecto 3 Matrizes Clássicas – da Antiguidade à Modernidade, da Linha de Investigação Estudos Literários e Culturais, no âmbito do PEst-OE/FIL/UI0683/2011, projeto estratégico do CEFH, financiado pela Fundação para a Ciência e Tecnologia (FCT) e do projecto de investigação «Dioscórides e o Humanismo Português: os comentários de Amato Lusitano», do Centro de Línguas e Culturas da Universidade de Aveiro, financiado por Fundos FEDER através do Programa Operacional Factores de Competitividade – COMPETE e por Fundos Nacionais através da FCT – Fundação para a Ciência e a Tecnologia, no quadro do Projecto FCOMP-01-0124-FEDER-009102.

a obras literárias, a «Odisseia» e a «Tebaida», a que se irá acrescentar a menção de autoridades antigas e contemporâneas e de informantes epocais.

Palavras-chave: Amato Lusitano; Dioscórides; História da Ciência; Medicina; Renascimento; Humanismo; Portugal.

0. Literatura e medicina: da essência e da história de uma relação humana

A identidade de cada ser humano está ancorada nas suas recordações, nas suas mais variadas experiências acumuladas ao longo de uma vida, as quais vão sendo registadas na sua memória individual. Aos poucos se vai construindo a noção de pertença a uma comunidade e, com isso, se vão moldando, paulatinamente, hábitos, atitudes, valores. Um percurso de desenvolvimento humano muito marcado pelo peso excessivo dado ao sistema escolar formal. Mas é deste modo que se vai configurando a história individual da pessoa humana na sua singularidade, numa relação única de alteridade: eu sou ‘eu’ e o outro, ‘eu’ e o mundo que me rodeia, numa palavra, «Yo soy yo y mi circunstancia ...», para citar a celeberrima frase do filósofo espanhol José Ortega e Gasset (1883-1955), a partir do texto introdutório dirigido ao Leitor, que abre o seu tratado filosófico *Meditaciones del Quijote*, publicado no início da I Guerra Mundial (1914).

Daqui resulta inequivocamente a importância da experiência de vida, que se adquire na convivência com as coisas e o outro e que implica necessariamente ter um sentido e uma orientação para a vida, a qual é simultaneamente imaginada, sonhada, porque desejada, mas também vivida no presente, no aqui e agora. Contudo, ainda assim, a existência humana da pessoa permaneceria incompreensível se não abraçasse a realidade do passado, também ele determinante para a definição daquilo que cada pessoa, cada ser humano é hoje, na actualidade. É a luz projectada desde a experiência dos nossos antepassados que ajuda a compreender o presente e a sonhar com um futuro mais esperançoso para as gerações vindouras.

Deste confronto, que define escolhas, caminhos, um dos valores fundacionais da humanidade que emerge é o vínculo da solidariedade entre gerações, da reverência para com os nossos *maiores*. Por isso, desde há muito que aprendemos com os Gregos, nomeadamente através das palavras de Heródoto de Halicarnasso (480 a. C. – 425 a. C.), que a história nasce para preservar do esquecimento as grandes empresas humanas (Heródoto, 1994: 75). A presença do passado torna-se, assim, imprescindível para o aprofundamento de uma existência mais humanizada da pessoa, o mesmo é dizer, de sociedades mais humanas, sem nunca se perder de vista a abertura à transcendência, ao divino. Daí que a existência humana

jamais possa ser redutível a uma ‘filosofia fragmentária da coisificação’, da *res*, para utilizar um termo latino.

Na busca permanente de um sentido para a nossa vida, damo-nos conta de que as coisas são fundamentais para a realização plena da pessoa, de que elas existem e adquirem um significado na medida em que se interligam com esta pessoa humana concreta, que encarna um ‘eu’; eu existo com as coisas e, por isso, devo aproveitar as circunstâncias, fazer alguma coisa, isto é, viver: o homem é um ser em constante crescimento, em pleno devir, como ser do mundo, finito e activo. Uma vida sempre singular e única, determinada pelas circunstâncias que, por vezes, projectam significados inesperados sobre as coisas. É por isso que, neste contexto, me é grato recordar, evocar uma das primeiras lembranças que me aconteceu à memória quando iniciava a redacção desta breve reflexão, certamente determinada em razão do local em que ela ser proferida: a figura do grande escritor brasileiro João Guimarães Rosa, médico de formação e natural de Minas Gerais (1908-1967), que acabaria por se realizar profissionalmente na carreira da Diplomacia. E logo o nosso pensamento se fixa no grande romance da sua consagração, o *Grande Sertão: Veredas*, publicado em 1956. Com as suas *Estórias*, recordamo-lo colocado, no plano escolar da nossa formação de outrora, ao lado de grandes escritores da literatura russa, como Dostoiévsky (1821-1881), filho de um médico militar.

Desta época da literatura russa, no último quartel do século XIX, nos surpreende estoutro testemunho de um escritor e também médico, Antón Tchekhov (1860-1904), para quem se tornou dramaticamente inesquecível a viagem temerária à ilha Sacalina, no mar do Japão, em 1890. Dois anos antes, a 11 de Setembro, em carta dirigida a Aleksei Suvórin (Angelides, 1995: 96), editor do *Novo Tempo*, o jornal de maior influência de São Petersburgo, onde havia de publicar os seus contos que lhe haviam de trazer merecida fama, dizia ele a propósito das relações da medicina e da literatura, a partir das suas vivências pessoais, a que não será alheia a eleição do discurso epistolar, por natureza mais dado à intimidade:

[...] Você me aconselha a não correr atrás de duas lebres e a não pensar na profissão de médico. Eu não sei por que não se deve perseguir duas lebres, mesmo no sentido literal dessas palavras. Seria apenas necessário ter galgos para persegui-las. É muito provável que eu não tenha galgos (agora no sentido figurado), porém sinto-me mais disposto e mais satisfeito quando me dou conta de que tenho duas ocupações e não uma... A medicina é minha esposa legítima, e a literatura é a minha amante. Quando uma me cansa, passo a noite com a outra. Embora isto seja confuso, em compensação, não é tão enfadonho, e, além do mais, nenhuma delas perde absolutamente nada com a minha traição. Se eu não tivesse a medicina, seria pouco provável que

entregasse à literatura o meu lazer e os meus pensamentos supérfluos. Em mim não há disciplina. [...]

Como há muito sublinhou a investigadora brasileira Sophia Angelides (1995: 32), na sua correspondência, o escritor russo confessa a grande influência que a medicina exerceu na sua actividade literária, numa convivência mutuamente benéfica, «pois a obra de arte literária tenta o desvelamento da humana realidade, polissémica por natureza, e em grande medida arracional, recorrendo aos únicos meios expressivos consentâneos... o símbolo e a metáfora» (Pires, 2004: 415).

0.1. Na Literatura Portuguesa

Foi esta relação ancestral entre medicina e literatura que inspirou a organização de uma antologia de textos literários de autores portugueses, situados numa grande amplitude temporal, desde o séc. XIII ao último quartel do séc. XX. A todos os une o fio condutor da temática universal da frágil condição humana perante a doença, o sofrimento ou o infortúnio, como também é perceptível na obra do médico e escritor russo acima referido.

E é da pena de um dos mais lídimos representantes da Língua de Camões que aqui se cita um trecho (Rocha, 2012: 201), também de natureza confessional, ou não fosse ele retirado de uma colectânea celebrizada sob a designação de *Diário*, também ele reflectindo sobre a benéfica convivência da Literatura e da Medicina num mesmo sujeito:

Coimbra, 20 de Janeiro de 1961 – A pergunta é sempre a mesma, mas o tamanho da resposta varia consoante a disponibilidade e a pachorra.

– A medicina dá muitos escritores! Por que será?

Pacientemente, dobro a receita, tiro os óculos, levanto-me e começo o sermão, que hoje me saiu um pouco sincopado:

– Não é ela que os dá. Limita-se, simplesmente, a preservar esse dom aos que nasceram com ele, o que já não é pouco. Ao invés doutras profissões, que estrangulam no indivíduo o espírito de aceitação e compreensão do semelhante, esta faz o contrário. O médico, como tal, nem pode fechar as portas da alma, nem apagar a luz do entendimento. É todo o humano que o solicita a todas as horas: o que sofre, o que simula, o que teme e o que desvaria. E só a graça de uma certa dimensão afectiva e mental permite corresponder eficientemente a tantos e tão diversos apelos. Ora, essa dimensão está implícita na condição do artista, o mais receptivo e perceptivo dos mortais. Por isso, quando o acaso sobrepõe a uma vocação criadora uma condenação clínica, não há dramas sangrentos. A caneta que escreve e a que prescreve revezam-se harmoniosamente na mesma mão.

Todo o humano... o ser humano, a pessoa humana concreta, cada um de nós, essencialmente é uma realidade permanentemente em aberto, porfiadamente em busca de uma ulterior perfeição. A compreensão da existência humana na sua plenitude exige este olhar para a sua totalidade, impõe uma proximidade intrínseca a todo o ser humano, marca distintiva da realização da *humanitas*, perscrutada desde a Antiguidade: «por isso, é evidente que a cidade é uma formação natural e que o homem é, por natureza, um animal sociável» (*Pol.* 1253a). E a posição singular do Homem no contexto do reino animal conduz o estagirita a uma outra afirmação insofismável, de que a fala foi dada apenas ao homem, entre todos os animais e «destina-se a declarar o que é útil e o que é prejudicial, assim como o que é justo e o que é injusto. Essa característica é própria do homem, perante os outros animais; consiste em ser o único que tem o sentimento do bem e do mal, da justiça e da injustiça» (Rocha Pereira, 1998: 438). Agora se há-de alcançar melhor o sentido radical da segunda parte da sentença de Ortega y Gasset, raramente citada: «... y si no la salvo a ella no me salvo yo» (1970: 30).

Arte e ciência complementam-se, reúnem-se no Homem concreto para desvendar a sua totalidade, que se realiza na sua vida concreta e singular. Trata-se de uma *humanitas* que se faz diariamente, na história da humanidade, e cuja realização, em alguns momentos, nos aponta para alguns símbolos intemporais, geradores de novas energias e capazes de catapultar a humanidade para novas etapas do seu desenvolvimento, acrescentando novas perspectivas, demonstrando as virtualidades de uma vivência mais humanizada. O médico português, Amato Lusitano, é um desses exemplos de Vida.

1. Amato Lusitano: da sua circum-stantia

Nesta antologia literária, editada em 2012, pela mão de Clara Crabbé Rocha, filha de Miguel Torga (1907-1995), sugestivamente intitulada «A caneta que escreve e a que prescreve» – e aprecie-se a finíssima simbologia destas sinédoques de alguém que, na sua juventude, pisou terras do Brasil – da época dos descobrimentos portugueses, no séc. XVI, nessa colectânea cita-se Garcia de Orta, Fernão Mendes Pinto, Luís de Camões e Francisco Sanches. Precisamente na época em que viveu Amato Lusitano, contemporâneo do autor da obra «Colóquio dos simples e drogas e coisas medicinais da Índia», tendo a morte a ambos surpreendido no mesmo ano, em 1568: aquele, em Goa, este, em Salonica, na Grécia, em terra de exílio.

Desta notícia nos dá conta o poeta eborense Diogo Pires (1517- 1599) (Ramalho, 1988: 121-137; André, 1983: 16), seu amigo e companheiro de infortúnio (Andrade, 2012: 20-27), num epitáfio em quatro dísticos, onde se aponta a

peste como a causa próxima da sua morte (Ramalho, 1985: 216-217):

AMATI LVSTITANI, MEDICI PHYSICI PRAESTANTISSIMI, EPITAPHIVM.
OBIIT FERE SEXAGENARIVS PESTILENTIA THESSALONICAE ANNO 1568.

Qui toties fugientem animam sistebat in aegro
Corpore, Lethaeis aut reuocabat aquis,
Gratus ob id populis et magnis regibus aequae,
Hic lacet, hanc moriens pressit Amatus humum.
Lusitana domus, macedum tellure sepulchrum.
Quam procul a patrio conditur ille solo!
At cum summa dies, fatalis et appetit hora
Ad Styga et ad Manes undique prona uia est.

EPITÁFIO DE AMATO LUSITANO, MÉDICO INCOMPARÁVEL.
MORREU DE PESTE, QUASE SEXAGENÁRIO, EM SALONICA, NO ANO DE 1568.

Aquele que tantas vezes retinha a vida fugitiva num corpo doente
ou voltava a chamá-la das águas do Letes,
querido, por isso, igualmente dos povos e dos grandes reis,
aqui jaz; esta foi a terra que Amato pisou, ao morrer.
Portugal o berço, na terra dos Macedónios o sepulcro.
Como se encontra longe do solo pátrio a sepultura!
Mas quando o dia supremo e a hora fatal se aproximam, em toda
a parte há um caminho em declive para o Estige e para os Manes.

Depois da leitura deste epigrama, levanta-se naturalmente uma questão: Que motivos forçaram o médico albicastrense ao amargo exílio, à fuga da sua amada pátria, repousando suas ossadas em sepulcro longínquo, em solo alheio, e cuja localização hoje se dá por irremediavelmente perdida (Morais, 2011: 79-85)? Como o amigo, também ele havia de sofrer as duras consequências da sua ascendência judaica, condenado pela Inquisição a uma errância que, desafortunadamente, nada tinha que ver com o paradigma do homem do Renascimento, um espírito que se pode identificar em Damião de Góis, «seguramente o príncipe dos humanistas portugueses» (André, 2013: 25).

O movimento humanista, em Portugal, acontece, sobretudo, a partir do momento em que se assiste à migração de estudantes portugueses, mobilidade estudantil, diríamos hoje, em demanda dos principais centros universitários de Espanha e de Itália, a partir do último quartel do séc. XV (ibid., 39). Foi a sede de cultura, do saber que atirou estes jovens portugueses para a aventura da viagem,

um fenómeno que se inicia com D. João II e ganhou especial expressão com os reis D. Manuel e D. João III, jovens esses que a história da cultura designou por «bolseiros dEl-Rei» (ibid., 21).

Por isso, com naturalidade Amato Lusitano, isto é, João Rodrigues de Castelo Branco, de seu nome de baptismo, nascido nesta cidade da Beira Baixa em 1511, vai prosseguir os seus estudos em Salamanca, atraído pela sua fama e proximidade, mas também pelo ambiente que ali se vivia, pois aqui, entre os numerosos estudantes portugueses, havia um grupo significativo de cristãos-novos; todos eles muito haviam de contribuir para a renovação do movimento humanista português, com especial enfoque para o excepcional grupo de escolares de ascendência hebraica, com percursos individuais brilhantes, quer em Portugal, quer na diáspora sefardita: Amato Lusitano, António Luís, Diogo Pires, Duarte Gomes, Luís Nunes de Santarém, Manuel Lindo, Manuel Reinel (Andrade, 2007) e Tomás Rodrigues da Veiga (Andrade, 2011: 93). Daí a feição cosmopolita do humanismo português, um humanismo de expatriados e de estrangeirados (André, 2013: 38), numa Europa sem fronteiras, em que o Latim era a língua do seu quotidiano.

Em 1532, Amato Lusitano conclui a sua formação em Artes e Medicina, no Estudo de Salamanca, e regressa a Portugal, nesse ano, com o seu companheiro Duarte Gomes (Andrade, 2011: 92-94). Entre nós, vai entregar-se ao exercício da clínica e, no âmbito desta actividade, parece ter calcorreado algumas regiões, nomeadamente as Beiras, o Ribatejo e a Extremadura, as quais se transformaram numa ocasião propícia para estudar e aprofundar os seus conhecimentos acerca da fauna, da flora e dos minerais. Em Lisboa, na casa da Índia, aproveita para examinar os simples e as drogas que ali aportavam, provenientes da Índia e do Brasil (Gouveia, 1985: 7).

Com efeito, os descobrimentos portugueses favoreceram o desenvolvimento da ciência e a afirmação de um novo espírito, de natureza científica, que tanto havia de beneficiar com a valorização crescente do experimentalismo como critério de verdade, numa atitude que tantas vezes contrariava a *auctoritas* dos Antigos e que ganhava expressão, entre nós, com Pedro Nunes, famoso cosmógrafo, D. João de Castro ou Garcia da Orta, na primeira metade do século XVI (Almeida, 1998). Uma mentalidade na esteira de Duarte Pacheco Pereira que, logo no início deste século, nas páginas do *Esmeraldo de Situ Orbis*, havia de insistentemente sublinhar o valor da experiência humana, como nesta passagem do capítulo segundo, do primeiro livro, que se há-de repetir de diversas maneiras, conforme transcrição feita a partir do manuscrito 888, fólio 6r, disponibilizado pela Biblioteca Nacional, nas coleções digitalizadas: «... e alem do que dito he ha expiriencia que he madre das cousas nos desengane e de toda duuida nos tira...».

Dois anos após o regresso de Amato Lusitano à sua pátria, começam a adensar-se as nuvens ameaçadoras de um clima de intolerância religiosa crescente, agravadas com o estabelecimento próximo do Tribunal do Santo Ofício, por bula do Papa Paulo IV, no reinado de D. João III. É assim que, consciente do futuro sombrio que se avizinhava, o médico albicastrense se vê obrigado a partir para Antuérpia, onde chega em Outubro de 1534. Mesmo assim, à sua chegada a este empório comercial dos Países Baixos, acabaria por ser preso pela inquisição, acusado de ser cristão-novo, na observância de disposições legais decretados pelo imperador Carlos V. Em Janeiro do ano seguinte, porém, seria ilibado de todas as acusações (Andrade, 2010: 22-29).

1.1. Do Index Dioscoridis

Nas palavras de Amato Lusitano, Antuérpia, na Flandres, era a mais célebre praça de comércio de toda a Europa: *Antuerpiam, celeberrimum totius Europae emporium...* (Amato, 1620, Cent. I, Curat. 2). Quando aqui chegou, a par do exercício da clínica médica, vai envolver-se nos negócios do seu tio Henrique Pires, um importante mercador, cristão-novo, natural de Évora. O seu contacto com vendedores e compradores proporcionou-lhe a ocasião única de recolher informações ou amostras de toda a espécie de substâncias e, com isso, aprofundar os seus conhecimentos da botânica e da história natural das drogas. Com efeito, no início do *Index Dioscoridis* (fl. 2v; Lib. I, Philologia 3), ele próprio confessa que esse seu conhecimento carecia de mais estudo (Andrade, 2010: 29).

É neste contexto que Amato Lusitano (João Rodrigues de Castelo Branco) vai publicar o seu primeiro livro em 1536, o único a ostentar o seu nome de baptismo no frontispício que, abreviadamente, dá pelo nome de *Index Dioscoridis*. Este pequeno tratado apresenta as primícias do seu pensamento, resultantes da leitura que ele fez do tratado grego de Dioscórides, que em tradução latina dá pelo título de *De materia medica libri quinque*. Na portada daquele seu pequeno livro, o médico albicastrense identifica os públicos a quem há-de interessar a sua leitura: aos médicos, boticários e perfumistas, por um lado; por outro, aos amantes dos *studia humanitatis* («nedom medicis et myropoliorum seplasiarijs sed bonarum literarum studiosissimis perquam necessarium opus»).

Logo aqui o autor quis fazer menção específica às *litterae humaniores*, um tópico caro ao renascimento humanista, pois é nos autores gregos e latinos que os eruditos de quinhentos se inspiram, neles vão haurir o modelo antropológico, estético, cultural e pedagógico, que conduz a Literatura Clássica a um lugar de renovada importância. Por isso, os futuros médicos, no Renascimento,

em primeiro lugar, faziam uma apurada formação escolar em Artes, isto é, em Humanidades Clássicas.

Fazendo jus ao seu epíteto de humanista, vai escrever as suas reflexões na grande língua de comunicação da sua época, o Latim. Por outro lado, por essa via mais rapidamente granjeou celebridade e respeito entre os seus pares além-fronteiras, tendo mesmo concitado a inveja de outros, como a de Pietro Andrea Mattioli, que não gostou das referências pouco abonatórias acerca da sua pessoa, opiniões essas que Amato Lusitano verteu nos seus comentários à obra de Dioscórides. Por isso, o médico humanista italiano, natural de Siena, e um dos mais importantes comentadores e tradutores da obra de Dioscórides naquela época, respondeu-lhe violentamente com a sua *Apologia adversus Amatam Lusitanum*, de 1558, uma polémica que já foi objecto de aturado estudo (Valderas, 2000 e 2003). Este facto apressou a fuga do médico albicastrense, que estava na pequena república de Dubrovnik, mais conhecida pela sua designação italiana de Ragusa, para a sua derradeira morada de exilado no Império Otomano (Andrade, 2010: 37), na Grécia.

Mas os reflexos da mundividência da época em que viveu o médico humanista português podem ainda aferir-se a partir de outros aspectos.

Desde logo o uso de um pseudónimo literário, *Amatus Lusitanus*, em lugar de *Ioannes Rodericus Castelli Albi Lusitanus*. Se bem que ele justifique esta atitude como um hábito vulgar entre os homens de letras («Novum non est viros rei litterariae deditos, sua plerumque imutasse nomina», isto é, «não é novidade que os homens dedicados às letras tenham trocado algumas vezes os seus nomes») (Amato, 1563: 160), contudo mais parece uma artimanha para esconder o verdadeiro apelido da sua família ('Amado'), como já adiantou António Andrade (2010: 37), o investigador responsável pelo projecto de edição e tradução dos comentários de Amato a Dioscórides e a cuja equipa nós é dado o privilégio de pertencer.

Por outro lado, o seu humanismo filológico afirma-se na sua preocupação pela qualidade do latim dos textos que elabora, um assunto que vai despertar polémica, primeiro entre os humanistas italianos e, depois, por toda a Europa. Um dos mais ilustres representantes dos humanistas italianos, no século XV, foi Lorenzo Valla (1407-1457), que vai marcar este movimento de modernidade com a publicação das *Elegantiae*, onde, na esteira do pensamento de Quintiliano, propõe uma renovação da *latinitas* a partir da leitura dos melhores autores da latinidade, afastando-se, assim, dos gramáticos medievais, nesta referência às *auctoritates* (Valla, 1999: 26-27).

Semelhante preocupação revela o médico albicastrense com a elegância do latim, como se pode ver por este passo na «Curatio XX», da Centúria V (Virgínia, 2004: 303-304):

«[...] ut commentariis meis, quos supra Auicennae Fen quarta, libri primi conscripsi, uberius dixi, praefixo etenim Auicennae texto, per Iacobum Mantinum haebreum, fideliter uerso, et a nobis reuiso, et latiniori facto [...]».

... como foi exuberantemente dito por mim nos Comentários, que escrevi sobre a Fen Quarta do Livro I de Avicena. Depois de reproduzido o texto de Avicena, fielmente traduzido pelo hebreu Jacob Mantino e por mim revisto e apresentado em latim mais puro... (Lusitano, 2010, II: 175).

Amato Lusitano, no *Index Dioscoridis*, que é um primeiro esboço dos seus *Comentários*, assume esta perspectiva de regresso à pureza matricial da latinidade clássica; são textos que não se ficam apenas pelas questões filológicas, dando conta do contributo dos descobrimentos portugueses para a revolução cultural e científica dos séculos XV e XVI (Andrade, 2010: 39-40).

O pendor humanista do médico português vai influenciar, certamente, a ordenação discursiva deste seu pequeno tratado. Assim, para cada entrada há três elementos distintos, o nome das plantas em diversas línguas (*Philologia*), o texto de Dioscórides (*Historia Dioscoridis*) e a opinião de Amato (*Iudicium nostrum*). Contudo, o texto desta última epígrafe, como nós próprios comprovámos, já está, geralmente, na tradução latina do texto de Dioscórides feita pelo humanista da República de Florença, Marcelo Virgílio e, deste modo, se comprova a tese de que este texto esteve na base da redacção do *Index*, de João Rodrigues (Dias, 2011: 66).

O pendor filológico, a preocupação pelo uso correcto das palavras pode descobrir-se na epígrafe encimada por *Philologia*, onde o médico cede o lugar ao artífice da palavra, na busca dos diferentes nomes por que é conhecida a planta nas diversas línguas:

Philologia XV

«Graece, κόστος; Latine, *costus*, *costum*, *hortulana romana*, *menta sarra-cenica*; Gallice, *du coq*; Hispanice, *el costo erua buena romana*; Lusitanice, *ortelaa romana*».

Nome XV

Em grego, *kóstos*; em latim, *costus*, *costum*, *hortulana romana*, *menta sarra-cenica*; em francês, *du coq*; em língua hispânica, *el costo erua buena romana*; em português, *ortelaa romana*.

Deste livrinho, o *Index Dioscoridis*, ocupamo-nos da transcrição e tradução do texto latino compreendido entre os fólhos 6v e 11r (*Philologia* XIII-XLV).

Trata-se de um longo excerto onde se sente o fervilhar do espírito que caracterizou a empresa dos humanistas portugueses, que procuram uma sábia conciliação entre a *auctoritas* dos Antigos e as novas exigências sócio-culturais, como há muito já notou o ilustre professor da diáspora, Luiz de Sousa Rebelo (1982: 85). E vem a propósito este passo em que Amato faz a defesa de Galeno e do médico Paulo Egineta, depois de discutir as opiniões dos modernos Avicena e Serapião, entre outros, a propósito da identificação da planta do aspálato (*Philologia XIX*):

«... quare deinceps vos memores esse velim, ne pro aspalatho sive darsisan radice illa mali punici silvestris utamini, sed verius eius loco id quidem ex Galeno Aeginetaque diximus, quibus plus fidei habendum quam recentis Avicenis ac pandectis omnibusque quae huc usque de herbis conscripsere ad hos autem confugiendum est velut ad sacram anchoram quoties in noscendis simplicibus suborta fuerit dubitatio et controversia. His assentiendum contra quantumvis diuturnum et receptum usum ac errantem auctoritatem...»

... por essa razão eu quero em seguida que vós vos recordeis disto, para que não useis aquela raiz da romã silvestre em vez do aspálato ou do darsisan, mas com mais verdade em lugar daquela aceitamos isto a partir de Galeno e de Egineta, em quem se deve ter mais confiança do que nos modernos Avicenas e em todas as compilações que até aqui eles escreveram acerca das plantas; na verdade, devemos-nos refugiar junto destes como junto de uma âncora sagrada, todas as vezes que a dúvida e a controvérsia se tiverem levantado nos simples conhecimentos. Deve dar-se o assentimento a estes contra tudo quanto seja de longa duração, contra o uso recuperado e contra a autoridade errante...

E logo a seguir a referência a Plínio-o-Antigo (23-79 d. C.):

«... *nec est in praesenti praetermittenda Plinii sententia, qui libro Naturae XXIV capite XIII aspalathum carduum illum fullonum quem Dioscorides dipsacum dicit*».

... no presente não deve ser esquecida a opinião de Plínio que, no livro 24 Da Natureza, capítulo 13, diz que o aspálato é aquele cardo dos pisoeiros a que Dioscórides chama dípsaco.

Duas pequenas notas, a propósito desta citação: em primeiro lugar, em vez do capítulo 13 deveria estar a indicação do capítulo 18; depois, a referência ao livro *Naturae* faz pensar na designação que Plínio-o-Novo (61-113 d. C.) atribuiu à obra de se tio, embora este a tenha designado por *Naturalis historia*, e que hoje é universalmente aceite.

A nossa tradução do excerto que nos coube² do *Index Dioscoridis*, de que acima falámos, tem sido muito dificultada pela pontuação do original, como se poderá verificar no primeiro destes dois passos, assim como pela necessidade imperativa de desenvolvimento de numerosas abreviaturas, a que acresce, pontualmente, a dificuldade da leitura em si deste espécime bibliográfico.

Nas palavras do erudito espanhol Menéndez Pelayo (1856-1912), mais importantes que as Centúrias de curas medicinais são os seus comentários a Dioscórides:

Pero hoy tiene más importancia su comentario a Dioscórides, con los nombres de los simples en griego, latín, italiano, español, alemán y francés, trabajo que precede y anuncia a los del Dr. Laguna, no sin que éste los aprovechara a veces. Era Amato Lusitano hombre de no vulgar erudición lingüística y clásica, y queda noticia de una traducción suya, al castellano de la Historia romana, de Eutropio (Menéndez Pelayo, 2003)

Por isso, é com naturalidade que nos seus comentários, a espaços, como que a quebrar a monotonia da sua exposição filológica ou da história das plantas, ele se socorre da citação de passos de obras importantes da literatura latina; ou então, fica-se pela sua alusão ou pela menção de autores importantes. Como é o caso que se segue:

Philologia XXIV

«Graece, κῶφι; Latine, cyphi.

Historia Dioscoridis

Cyphi odorati vaporis et incensi confectio dicata diis est.

Iuditium nostrum

2. O projecto «Dioscórides e o Humanismo Português: os comentários de Amato Lusitano» (<http://amatolusitano.web.ua.pt>), acima identificado, é coordenado pelo Prof. Doutor António Manuel Lopes de Andrade, da Universidade de Aveiro e integra um grupo de investigadores, de reconhecida experiência na edição crítica, tradução e comentário de textos clássicos e humanísticos, que terá por tarefa a tradução dos Comentários de Amato Lusitano a Dioscórides. São estes os tradutores de latim: António Guimarães Pinto (Univ. Federal do Amazonas – Brasil), António Manuel Lopes de Andrade (Univ. de Aveiro), António Maria Martins Melo (Univ. Católica Portuguesa – Braga), Belmiro Fernandes Pereira (Univ. do Porto), Carlos de Miguel Mora (Univ. de Aveiro), Emília Maria Rocha de Oliveira (Univ. de Aveiro), João Manuel Nunes Torrão (Univ. de Aveiro), José Sílvio Moreira Fernandes (Univ. da Madeira), Telmo Corujo dos Reis (Univ. da Madeira) e Virgínia da Conceição Soares Pereira (Univ. do Minho).

[Pág. 9v] *Ciphi thymiamatis compositio est soli et lunae dicata, qua ut Platonis verbis utar, praeclari egregiique quondam in sapientia Aegyptii illi rudi et inculto adhuc saeculo utebantur, ut Plutarchus libro illo cui titulum de Iside et Osiride esse voluit monstrat atque Politianus libro de nutricia, cuius causam Statius IV Thebaidos libro his carminibus tetigit.*

Hi lucis stupuisse vices noctisque feruntur

Nubila et occiduum longe Titana secuti

Desperare diem.

Haec tamen compositio ab officinis nostris in usu non habetur, nec a doctoribus scribitur».

Filologia XXIV

Em grego, *kýphi*; em latim, *cyphi*.

História de Dioscórides

O *cyphi* é uma preparação de vapor perfumado e de incenso, consagrada aos deuses.

A nossa Opinião

O *cyphi* é uma preparação de timiama, consagrada ao deus do Sol e da Lua, e para usar as palavras de Platão, muitas vezes os preclaros e eminentes na sabedoria do Egito, ou seja, os sacerdotes egípcios, se serviam dela para aquele rude e até agora inculto tempo, como Plutarco mostra naquele livro, a que quis dar o título *Acerca de Ísis e de Osiris*, e Poliziano mostra no livro *Acerca das amas*, cujo assunto Estácio tratou nestes versos, no Livro 4 da *Tebaida*:

Diz-se que estes homens viam aterrorizados a alternância da luz e das trevas, e que ao longe tendo seguido as nuvens e o ocaso do sol perderam a esperança de encontrar o dia.

Contudo, esta preparação não é mantida em uso pelas nossas oficinas, nem é descrita pelos nossos mestres.

Como se vê, Amato cita não apenas as autoridades literárias antigas, como Platão, Plutarco e Estácio, mas também as modernas, como o humanista do *Quattrocento* italiano, Ângelo Poliziano (1454-1494), através de uma obra simbólica, pois trata da celebração da poesia e dos poetas ao longo dos séculos, a consagração do *sacer furor*. O que vem em abono de uma sensibilidade literária que se mantém atenta aos movimentos da época em que viveu.

O passo aqui citado de Estácio, do Livro IV da *Tebaida*, situa-se no início deste canto, versos 282 a 284, numa altura em que o poeta enumera os povos gregos

que se juntam à expedição contra Tebas, para ajudar Polinices a recuperar o trono indevidamente ocupado pelo seu irmão, Etéocles. Entre eles, seguem os mancebos da Arcádia, região grega do interior do Peloponeso, com elevadas montanhas, onde os habitantes se diziam descendentes de Árcade, filho de Zeus e da ninfa Calisto; daí o nome étnico Árcades. Ao deter-se na história deste povo, o poeta napolitano canta as suas origens anteriores aos astros e à própria lua, de uma fidelidade a toda a prova. Nascidos dos duros troncos das árvores, num tempo em que a terra, atônita, estremecia com os primeiros passos do homem; não havia campos cultivados, casas ou cidades e a invocação a Lucina era desconhecida; do carvalho e do loureiro uma cidade inteira nascia; e do freixo-silvestre, que prenhe estava, filhos de sua cor ao mundo deitava. Estes recém-nascidos, os primeiros homens...

Segundo a história da mitologia, foi seu primeiro rei, Árcade, que ensinou este povo a cultivar o trigo, uma arte que lhe fora ensinada por Triptólemo, a preparar o pão e a fiar a lã.

É deste modo que se faz incidir luz sobre o papel essencial que os *studia humanitatis* desempenham em todos os domínios da acção humana, uma função condensada na feliz expressão latina dos humanistas *ianua sciantiarum*. Esta sólida formação clássica, grega e latina, valorizada pelos humanistas do renascimento, transparece em todos os campos, desde as artes às várias ciências, como há muito sublinhou Paul Kristeller (1995: 27-28):

Mais óbvia, no pensamento renascentista, é a ubiquidade das fontes, dos valores e das ideias dos clássicos, que foram ou introduzidos ou popularizados pela obra dos humanistas. Sem diminuir a originalidade de tal obra, este elemento clássico aparece de um ou de outro modo em todos os campos, desde as artes figurativas às várias ciências.

1.2. *Das In Dioscoridis Enarrationes*

Os seus primeiros comentários do *Index Dioscoridis* haviam de ser mais desenvolvidos numa publicação posterior, dada à estampa na cidade de Veneza, corria o ano de 1553, as «*In Dioscoridis Enarrationes*», que foram concluídas já em Ferrara, onde havia de ganhar merecida fama, enquanto médico e professor da Universidade desta cidade. À cidade do Pó terá chegado no início da década de quarenta, depois de longa e penosa viagem desde Antuérpia. Para trás ficava Antuérpia, depois de sentir um crescente clima de insegurança para os cristãos-novos, movido pelo Imperador Carlos V e pela sua irmã, Maria da Hungria, regente dos Países Baixos. Foi neste contexto que aceitou o convite do Duque de Ferrara, Henrique II (Andrade, 2011).

Amato Lusitano não tinha ficado satisfeito com o seu primeiro livro de juventude, como o confessa no prólogo ao leitor. Dos quatro prometidos, só publica dois, e por insistência dos amigos, pois as correcções tinham transfigurado completamente o original. E conclui, solicitando ao leitor que aguarde pelos restantes para mais tarde («... *et ceteros in dies expecta*») (Miguel Mora, 2012: 31-32).

A maior experiência adquirida enquanto médico, professor e nas funções de mercador, em muito contribuiu para esta segunda obra, a obra da maturidade. Se se ler com atenção o seu título completo, Amato volta a indicar dois tipos de público a quem interessam os seus comentários – por um lado, os perfumistas e boticários, por outro, os amantes das *bonae litterae* – apontando aparentemente o motivo por que menciona estes últimos, pois apresentam os nomes dos simples em grego, em latim, em italiano, em língua hispânica, em língua germânica e em francês. Por aqui se pode aferir a erudição de Amato, um poliglota de sete línguas, pois o hebreu ser-lhe-ia familiar, o que lhe há-de permitir um comentário a Dioscórides, com conhecimento do texto e dos seus comentadores (Lemos, 1955: 56). Recorde-se que o *De matéria medica* fora traduzido por Ermolao Bárbaro e Jean de Ruelles, sendo as duas traduções publicadas em 1516; mais tarde, em 1544, na cidade de Veneza, viria a lume a tradução do italiano Pietro Andrea Mattioli (1501-1577); um ano depois, o espanhol Andrés Laguna faria a sua tradução para espanhol, com publicação em Antuérpia.

Do primeiro livro das *Enarrationes*, estamos a trabalhar num excerto compreendido entre as entradas 14 e 46, da página 27 à 58. Neste espaço, repete-se a citação de Estácio e desenvolve-se, agora, a referência a Homero e à sua *Odisseia*, que já aparece no *Index*, sempre a propósito da explicação da origem do nome «helénio», na entrada 27, curiosamente uma numeração comum nos dois livros.

No *Index*, Amato apresenta o helénio como «a nossa énula da Campânia» («*nostra est campanica enula*»). Trata-se de uma planta muito familiar nas hortas, que se chama ínula, devido ao seu caule pequeno («*a columella inula appellatur herba*»). A sua raiz grande, amarga, mas de muito bom aroma, preparada com açúcar ou mel, acredita-se que é muito eficaz contra as maleitas do seu tempo («*radicem crassam, amaram, optimi tamen odoris quae succaro aut melle condita temporibus pestilentibus multum valere creditur*»); daqui a fama de que a énula-campana tornasse as entranhas saudáveis («*unde in omnium ore enula campana reddit praecordia sana*»). E termina com uma nota acerca da origem do seu nome: ou porque nasceu das lágrimas de Helena, ou porque foi descoberta pelo troiano Heleno («*Haec vero vel quia ex lachrimis Helenae nata aut quia ab Heleno Troiano inventa*»).

Nos *Comentários*, como geralmente acontece, ele retoma o assunto da énula. Mas logo há uma diferença, quando se refere à identificação: fala não só

da énuia da Campânia («*enula campana*»), mas também de uma outra énuia, que ele identifica com a énuia egípcia, o helénio egípcio, a *nepente*.

Depois, Amato Lusitano prossegue, no comentário, com a história da planta e levanta-se a questão da corrupção dos textos, a sua preocupação de filólogo pela restituição do texto original, pois dentro do espírito de um humanista estava sempre presente a ideia de que a Idade Média os terá deturpado. Por isso, ele se socorre do testemunho avalizado de Marcelo Virgílio (Florença, 1464-1521):

«Helenium nostra est inula Campanica, sive enula Campana, hortis fere omnibus famigeratissima herba, cuius folium latissimum est, ad symphyti folium accedens, albicans una ex parte, ex reliqua vero lanuginosa est, nam florem luteum fert, radicem vero crassam, amaram, optimi tamen odoris: quae fere omnia a Dioscoride in praesenti sunt praetermissa, unde credendum est, ut docte admodum Marcellus Virgilius adnotavit, Dioscoridis historiam hanc corruptam et acephalam hic, ut in multis aliis locis deprehenditur esse: nam quod folia angusta verbasco similia habere tradat, id caeli causae forsán tribuendum esset, cum in uno loco procerius herba una quam in altero crescat: sed quod insignem amaritudinem in inula repertam, silentio praetermiserit, non possum non testari textum istum corruptum esse, immo Marcellus Virgilius confirmat se sic in antiquissimo Dioscoridis codice legisse...»

O helénio é a nossa ínula Campânica, ou énuia Campânia, uma planta muito conhecida quase em todas as nossas hortas, cuja folha é muito larga, aproximando-se da folha da sínfito, ficando esbranquiçada de uma e da outra parte; na verdade, nas restantes partes, ela é lanuginosa; tem uma flor de cor amarela, uma raiz grande, amarga, contudo de muito bom aroma; no presente, quase todas estas características foram omitidas por Dioscórides e por isso se acredita, como doutamente observou Marcelo Virgílio, que esta história de Dioscórides, neste lugar, é incompleta e acéfala, como em muitos outros sítios se depreende: na verdade, poderá dizer que este tem as folhas pontiagudas parecidas com as do verdasco; este talvez devesse ser atribuído a uma origem divina, embora uma planta possa crescer de forma mais extensa num único lugar do que noutra: mas, porque ele terá deixado no silêncio que um insigne azedume esteja contido na ínula, não posso deixar de testemunhar que esse texto é corrupto. E até Marcelo Virgílio confirma que ele próprio leu assim num antiquíssimo códice de Dioscórides...

A seguir, Amato não se exime a fazer uma censura ao comentador de Dioscórides mais avalizado da época, Pietro Andrea Mattioli; por isso, este lhe terá respondido mais tarde, violentamente, grafando o nome próprio com ‘h’ – *APOLOGIA ADVERSVS AMATHVM Lusitanum, cum Censura in eiusdem enarrationes,*

Venetiis, 1558 – de forma a rebaixar a notoriedade do cristão-novo português:

«Proinde Mathiolus si Plinii auctoritatem in hac parte subticuisset, prudentius dubio procul fecisset, ac non ita duplici errore hallucinaretur, primo cum credat Plinium de hac inula prima mentionem fecisse, cum ut diximus potius de secunda Aegyptia agat: secundo cum dicat Plinium inulae amaritudinem tribuere, cum re vera illi dulcedinem condonet, et non amaritudinem, ut cuique legenti notum erit».

Em seguida, Matiolo, se tivesse calado nesta parte a autoridade de Plínio, teria sem dúvida agido de longe mais prudentemente e assim não se alucinaria com um duplo erro: em primeiro lugar, porque acreditaria que Plínio tinha feito uma referência acerca desta primeira ínula, embora, como dissemos antes, se trata da segunda, ou seja, a egípcia; em segundo lugar, quando afirma que Plínio atribui um azedume à ínula, embora, de facto, lhe conceda um sabor doce e não amargo, como será notório para qualquer um que lê.

E continua:

Verum enulae radix adeo laetificat, ut in omnium apothecariorum ore sit, enula Campana reddit praecordia sana: immo hac de causa, a multis creditum est, hanc nepenthem herbam illam ab Homero tanta laude decantatam esse, quia perpetuam pariat laetitiam, et tristiam omnem aboleat, omnes abigendo curas, et malorum omnium oblivionem inducendo, praecipue si eius succus vino immistus bibatur.

A raiz da énula alegre de tal forma que aparece na boca de todos os boticários, a énula da Campânia restabelece a saúde das entranhas. Por essa razão, muitos acreditaram que esta nepente é aquela planta cantada por Homero com tamanha celebridade, pois ela produz uma alegria perpétua e faz desaparecer toda a tristeza, ao afastar todos os cuidados e ao induzir o esquecimento de todos os males, principalmente se se beber o suco dela misturado com vinho.

Amato remata com o conhecimento oriundo da sua observação, sinónimo do espírito experimentalista da época:

«Quae omnia vera esse crediderim, modo de Aegyptio helenio campano dicantur, cum in nostra enula haec prorsus non reperiantur; nec Itali illius radices quotidie coctas, et saccharo vel melle et aromatibus paratas licet esitent, talia experiuntur».

Eu ter-me-ia atrevido a acreditar que todas estas coisas, que se dizem acerca do helénio egípcio, são verdadeiras, embora não se descubram na nossa énula

estas características, nem os Italianos experimentam todos os dias as raízes cozidas daquela, preparadas com açúcar ou mel e com plantas aromáticas, ainda que comam tais substâncias.

E Amato adianta, pois, a sua explicação para a origem do nome «helénio», citando um passo apropriado da *Odisseia*, situado no Canto IV, numa altura em que todos os heróis gregos tinham regressado de Tróia, à exceção de Ulisses.

Por isso, como não tinha notícias de seu pai e, por outro lado, receando os pretendentes à mão de sua mãe, Telémaco deixa a sua amada Ítaca em busca de notícias do seu ente querido, junto de Nestor e de Menelau. Acompanhado por Pisístrato, filho daquele, dirige-se a Esparta, onde são recebidos no palácio real, com toda a hospitalidade. Quando Menelau fala de Ulisses, as lágrimas de Telémaco rolam-lhe pelo rosto, um indício que, a par de outros, levam a sagaz Helena a identificá-lo com Telémaco, o filho do desafortunado Ulisses. E depois de algumas palavras de circunstância, de enaltecimento das linhagens familiares, Menelau convida os hóspedes a partilhar a refeição nupcial e a alegria que a todos contagiava.

E foi nessa altura que o helénio serviu a Helena para anular a dor e a ira, votando-as ao esquecimento; para tal, no vinho que se bebia, ordenou que se misturasse a tal *nepente*, proveniente do Egipto:

«De illa igitur enula Aegyptia vera nepenthe sic cecinit Homerus libro 4 Odysseae:

Tum Iove nata Helena hic meditata est pharmaca potu
Ac subito iniecit medicamina rara Lyaeo
Vnde bibunt procures nepenthes inclyta succo
Gramina, quae irarum, sive omnis cladis et omnis
Vsque mali herbarum ducunt obliviam potu.
Haec si mixta scyphis aliquis praesumpserit, ille
Luce illa nunquam lacrimas effundet obortas,
Non si vel genitor materque Acherontis arenas
Rapta petat Stygias, non si natumque fratremque
Coram disiectos ferro, atque in sanguine mixtos
Hoste oculis videat claris.

Ceterum helenium ab Heleno Troiano inventum sibi nomen vindicasse, [Pág. 49] non vero ab Helena ut poetarum narrant fabulae, crediderim».

Portanto, acerca daquela émula verdadeira do Egipto, a nepente, Homero, no Livro quarto da *Odisseia* (IV.219-226) escreveu do modo seguinte:

Então Helena, filha de Júpiter, preparou aqui uma poção para ser bebida e subitamente lançou o medicamento raro no vinho donde os próceres bebem, a nepente e as gramas célebres pelo suco, as quais prolongam os esquecimentos das iras, ou de toda a desgraça e até de todo o mal pela bebida das ervas. Se alguém ingerir estas poções misturadas em taças, esse jamais há-de derramar as lágrimas, nascidas nesse dia, mesmo que o pai e a mãe, arrebatados, se dirijam para as areias infernais de Aqueronte e mesmo que veja com olhos límpidos o seu filho e o seu irmão destroçados diante de si pelo ferro, e mergulhados no sangue inimigo. Em suma, eu atrever-me-ia a acreditar que o nome helénio foi encontrado pelo troiano Heleno e que, de facto, não derivou de Helena, como narram as fábulas dos poetas.

E, nesta altura, uma pergunta é lícita: terá Amato lido a Odisseia? E a Iliada? A nossa resposta é afirmativa, desde logo porque é inquestionável que os dois poemas épicos tenham feito parte do cânone escolar humanista da época. Acresce, depois, que, como tudo indica, o humanista português cursou Artes no Estudo de Salamanca, antes de se inscrever no curso de medicina, tendo alcançado o grau de bacharel a 19 de Março de 1532, como dirimiu definitivamente esta questão a antiga directora do Arquivo da Universidade de Salamanca, Teresa Santander. Por isso, é natural que tenha lido estes textos na língua original, o grego (Andrade, 2011: 92-93).

Vem confirmar indirectamente esta afirmação um excerto da obra pioneira que D. Manuel Gonçalves Cerejeira dedicou ao mestre Clenardo, humanista flamengo. Situa-se essa passagem no volume primeiro, páginas 113 a 114, sendo citada a partir de um texto proferido por José Vitorino de Pina Martins (1990: 56), em 1989, em Lisboa, na Universidade Católica Portuguesa, por ocasião da reedição dos dois volumes em 1974 e 1975:

Quando Clenardo entrou em Coimbra, era já tempo de férias. Por felicidade ainda pôde ouvir o mestre Vicente Fabrício na aula de grego. Ficou assombrado com o *novo milagre* a que assistiu: 'Fabrício comentava Homero sem o traduzir de grego para latim, como se estivesse na própria Atenas. Nunca até então, confessava, vira coisa assim em parte alguma'. E os discípulos imitavam o professor, não se servindo senão da língua grega quase em tudo. Se lhe era lícito meter-se a profeta, muito Coimbra havia de florescer no estudo das línguas». E pouco depois: «Com tais princípios, ainda um dia Coimbra havia de sobrepular a própria Salamanca», comentava o humanista.

Uma outra questão se pode colocar ainda: qual o motivo que levou Amato Lusitano a citar a *Odisseia* em tradução latina e não no original grego? Nos primórdios da Literatura Latina, no séc. III a. C., vamos encontrar a primeira tradução latina deste poema homérico, pela pena de Lívio Andronico. Depois, no início do humanismo italiano, em 1358, Leôncio Pilato faz uma nova tradução, a que se seguirão outras versões humanísticas, a única via para o conhecimento do poema homérico na cultura europeia ocidental durante muito tempo. Contudo, no fim do século XV, mais propriamente em 1488, na cidade italiana de Florença, é dada à estampa a *editio princeps*, na língua grega, uma edição de Demetrius Chalcondyles, em dois volumes; mais tarde, corria o ano 1504, surge a primeira edição aldina.

2. Conclusões

Amato Lusitano, mesmo no exílio, não guarda rancor à sua pátria ou à instituição eclesiástica responsável pela sua atribulada existência. Acima de tudo, impõe-se-lhe a fatal paixão pelo género humano, um espírito que se foi cultivando segundo a *humanitas* e para a *humanitas*, materializando-se numa acção em prol da ‘salvação’ de um povo, de uma nação, enaltecendo-lhe a temerária empresa dos descobrimentos,

«... sandalus vero procere arborescit ut nostri Lusitani, qui magna cum gloria universam Indiam suo imperio subiugarunt, illic viderunt...»

... o sândalo, de facto, cresce como uma árvore, em estatura, como os nossos portugueses que, com grande glória, submeteram completamente a Índia ao seu poder, lá o viram...

ou mitigando as dores do Homem concreto, devolvendo-lhe a esperança, quer se tratasse de gente simples, de reis ou do próprio Papa, como foi o caso do Papa Júlio III, que assistiu em 1550, quando se encontrava em Ancona (Andrade, 2013: 120).

Os comentários de Amato são um documento histórico, testemunho de um renovado interesse pelo estudo dos simples, para os quais muito concorre o conhecimento da botânica, dos animais e dos minerais, com propriedades medicinais, tendo por principal fonte de estudo o *De matéria medica* do clássico Pedânio Dioscórides. Contudo, a sua importância não se fica por aí: as *enarrationes* são uma fonte importante para o estudo da época, pela riqueza das referências desse admirável Mundo Novo, desde a Índia à costa Africana, ou ainda ao Perú, na

costa da América do Sul, a propósito do opobálsamo, com uma referência, uma vez mais, à importância da experiência:

«Ceterum hodie alibi balsamum, quam in iis regionibus nasci novimus, ut experientia compertum habemus, videntes, opobalsamum apud eos qui e Peru noviter inventa regione, reversi sunt, et inter thesauros suos tanquam rem pretiosissimam reconditam asportant...»

De resto, hoje sabemos que o bálsamo nasce noutro lugar, naquelas regiões de que temos a certeza pela experiência, nós que vemos o opobálsamo junto daqueles que regressaram do Perú, duma região de novo descoberta e entre os seus tesouros como se fosse coisa preciosíssima escondida o transportam...

Depois, não são apenas as autoridades antigas as citadas, mas também as contemporâneas, em diálogo permanente com elas, sobrepondo à erudição livresca o valor da observação e da experiência; as cidades que o vão acolhendo no seu périplo também lá estão. E entre os autores da literatura clássica, para além de Homero e Estácio, aqui referenciados, na sua obra vão aparecer, entre outros, Virgílio, Ovídio, Apício, Marcial e Varrão. E mesmo os desentendimentos entre humanistas que, por vezes, redundam em diatribes célebres, como a que o opôs ao humanista de Siena, Pietro Andrea Mattioli. Por isso, não é só o homem de ciência que ali está, é o Homem todo, o Homem todo e a sua circunstância: «Amato Lusitano foi um humanista não apenas por ter escrito em bom latim as suas obras, mas por toda a sua educação e cultura que vão muito além da formação profissional de um médico», como escreveu o Prof. A. Américo da Costa Ramalho (Santoro, 1991: 3).

Bibliografia

AA. VV. (2012), *A caneta que escreve e a que prescreve. Doença e Medicina na Literatura Portuguesa*. Organização de Clara Crabbé Rocha, com a colaboração de Teresa Jorge Ferreira; prefácio de Emílio Rui Vilar. Lisboa, Verbo.

Amato Lusitano (1556), *Amati Lusitani Med. Physici Praestantissimi Curationum Medicinalium Centuriae duae tertia & quarta hac (quam uides) enchiridij forma nunc primum editae. Addito Indice copiosissimo*. Lugduni, Apud Ioannem Franciscum de Gabiano.

Amato Lusitano (1536), INDEX DIOSCORIDIS. | En candide Lector. | HISTORIALES DI- | oscoridis campi, Exegemataque sim- | plicium, atque eorundem Collationes | cum his quae in officinis habentur, ne | dum medicis et Myropolio= | rum Seplasiarijs, sed Bona= | rum literarum studio | sissimis perquam | necessarium

| opus. | IOANNE RODERICO CASTE | li albi Lusitano autore. | EXCVDEBAT ANTVERPIAE VI-| dua Martini Caesaris. M.D.XXXVI.

Amato Lusitano (1563), AMATO LUSITANO, IN DIOSCORIDIS | ANAZARBEI DE MEDICA | MATERIA LIBROS QVINQVE | ENARRATIONES ERVDITIS-SIMAE | DOCTORIS AMATI LVSITANI MEDICI | AC PHILOSOPHI CELEBERRIMI, | quibus non solum Officinarum Seplasia- | riis, sed bonarum etiam literarum stu- | diosis utilitas adfertur, quum pas- | sim simplicia Graece, Latine, | Italice, Hispanice, Germa- | nice, & Gallice pro- | ponantur. | *Cum Priuilegio Illustriss. Senatus Veneti ad decennium.* | VENETIIS. MD LIII. | [*Venetijs apud Gualterum Scotum* | M.D.LIII.]

Amato Lusitano (1620), *Amati Lusitani doctoris medici praestantissimi curationum medicinalium centuriae septem, varia multiplicique rerum cognitione refertae et in hac ultima editione recognitae et valde correctae.* Burdigalae, ex typographia Gilberti VernoY.

Amato Lusitano (2010) (João Rodrigues de Castelo Branco), *Centúrias de curas medicinais.* Prefácio e tradução de Firmino Crespo. Lisboa: Centro Editor Livreiro da Ordem dos Médicos.

Américo da Costa Ramalho (1985), *Latim Renascentista em Portugal. Antologia.* Coimbra: Instituto Nacional de Investigação Científica e Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos da Universidade de Coimbra.

Américo da Costa Ramalho (1988), *Para a História do Humanismo em Portugal - I.* Coimbra: Instituto Nacional de Investigação Científica e Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos da Universidade de Coimbra, pp. 212-137 («Didacus Pyrrus Lusitanus: poeta e humanista»).

A. J. Andrade de Gouveia (1985), *Garcia d'Orta e Amato Lusitano na Ciência do seu Tempo*, Lisboa, Instituto de Cultura e Língua Portuguesa – Ministério da Educação, (Biblioteca Breve, Vol. 102), p. 7.

António Manuel Lopes Andrade (2007), «De Ferrara a Lisboa: tribulações do cristão-novo Alexandre Reinêl, preso no cárcere do Santo Ofício»: *Cadernos de Estudos Sefarditas* 7, 88-131.

António Manuel Lopes Andrade (2010), «Ciência, negócio e religião: Amato Lusitano em Antuérpia» in Inês de Ornelas e Castro & Vanda Anastácio (coord.), *Revisitar os Saberes – Referências Clássicas na Cultura Portuguesa do Renascimento.* Lisboa, Centro de Estudos Clássicos – Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.

António Manuel Lopes Andrade (2011), «De Antuérpia a Ferrara: o caminho de Amato Lusitano e da sua Família»: *Medicina na Beira Interior. Da Pré-História ao séc. XXI – Cadernos de Cultura* 25, 6-17.

António Manuel Lopes Andrade (2011), «A Senhora e os destinos da Nação Por-

tuguesa: o caminho de Amato Lusitano e Duarte Gomes»: *Cadernos de Estudos Sefarditas* 10-11, 87-130.

António Manuel Lopes Andrade (2012), «Amato Lusitano em Ancona: a tragédia da família Pires»: *Medicina na Beira Interior. Da Pré-História ao séc. XXI – Cadernos de Cultura* 26, 20-27.

António Manuel Lopes Andrade (2013), «Amato Lusitano, Diogo Pires e Pedro Santerna: os caminhos entrecruzados de um médico, de um poeta e de um jurisconsulto portugueses» in AA. VV., *Humanismo, Diáspora e Ciência (Séculos XVI e XVII): Estudos, Catálogo e Exposição*. Porto: Universidade de Aveiro e Biblioteca Pública Municipal do Porto, 117-138.

Carlos de Miguel Mora (2012), «Do *Index* às *Enarrationes*: um esboço de estudo comparativo através de quatro entradas»: *Medicina na Beira Interior. Da Pré-História ao séc. XXI – Cadernos de Cultura* 26, 31-36.

Carlos Ascenso André (1983), *Diogo Pires. Antologia Poética*. Coimbra: Instituto Nacional de Investigação Científica e Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos da Universidade de Coimbra.

Carlos Ascenso André (2013), «O humanismo português, a sua identidade e as suas contradições» in AA. VV., *Humanismo, Diáspora e Ciência (Séculos XVI e XVII): Estudos, Catálogo e Exposição*. Porto: Universidade de Aveiro e Biblioteca Pública Municipal do Porto, 17-40.

Duarte Pacheco Pereira, *Principio do Esmeraldo de situ orbis* [manuscrito], *feito e composto por Duarte Pacheco, caualeiro da caza del rey Dom João o Segundo de Portugal...* [depois de 1750]. – [I], 80 f., enc.; 31 cm.

J. A. David de Moraes (2011), *Eu, Amato Lusitano: no V centenário do seu nascimento*. Lisboa: Edições Colibri.

Heródoto (1994), *Histórias – Livro 1.º*. Introdução geral de Maria Helena da Rocha Pereira. Introdução ao Livro I, versão do grego e notas de José Ribeiro Ferreira e Maria de Fátima Silva. Lisboa, Edições 70, p. 53.

José Alves Dias (2011), *Amato Lusitano e a sua obra: séculos XVI e XVII*. Lisboa: Biblioteca Nacional de Portugal, Centro Editor Livreiro da Ordem dos Médicos e Centro de Estudos Históricos da Universidade Nova de Lisboa.

José Alves Pires, S. J. (2004), «Sobre a grande Literatura e um Leitor modelar», *Revista Portuguesa de Humanidades* 8: 411-465.

José Maria Valderas, «La polémica en la investigación botánica del siglo XVI. Mattioli contra Lusitano», *Collectanea Botanica* 25, 2(2000), pp. 255-304.

José Maria Valderas, «Mattioli contra Lusitano. II. Las ‘censuras’ y la interpretación de Dioscórides», *Collectanea Botanica* 26 (2003), pp. 181-226.

José Ortega y Gasset (1970), *Meditaciones del Quijote e Ideas sobre la Novela*. Madrid: Revista de Occidente.

- José Vitorino de Pina Martins (1990), «Manuel Gonçalves Cerejeira e os Estudos Humanísticos em Portugal», *Lusitania Sacra*, 2.^a série, 2, 47-68.
- Lorenzo Valla (1999), *De linguae latinae elegantia / Laurentii Vallensis: ad Ioan-nem Tortellium Aretinum per me M. Nicolaum Ienson Venettiis opus feliciter impressum est. M.CCC.LXXI*. Introducción, edición crítica, traducción y notas por Santiago López Moreda. Cáceres: Universidad de Extremadura. 2 voll.
- Luiz de Sousa Rebelo (1982), *A tradição clássica na literatura portuguesa*. Lisboa: Livros Horizonte.
- Maria Helena da Rocha Pereira (1998), *Hélade. Antologia da Cultura Grega*. Coimbra: Faculdade de Letras, Instituto de Estudos Clássicos.
- Mario Santoro (1991), *Amato Lusitano ed Ancona*. Coimbra: INIC e Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos da Universidade de Coimbra.
- Maximiliano Lemos (1955), «Os trabalhos científicos de Amato», in *Homenagem ao Doutor João Rodrigues de Castelo Branco (Amato Lusitano)*. Castelo Branco: Câmara Municipal de Castelo Branco.
- Menéndez Pelayo (2003), *Historia de los Heterodoxos Españoles*, Livro V, capítulo II - «Médicos judaizantes. -Amato Lusitano (Juan Rodrigo de Castello-Branco). -Abraham Zacuth. -Rodrigo de Castro. -Elías de Montalto». Edición digital; Ali-cante: Biblioteca Virtual Miguel de Cervantes. Disponível no acesso <http://bibliaytradicion.wordpress.com/inquisicion/historia-de-los-heterodoxos-espanoles-indice/historia-de-los-heterodoxos-espanoles-libro-v/#2.2> (Consultado em 28.06.2013).
- Onésimo T. Almeida (1998), «Sobre a revolução da experiência no Portugal do século XVI: na pista do conceito de "Experiência a Madre das Cousas"», in *Actas do Quinto Congresso da Associação Internacional de Lusitanistas*, Oxford-Coimbra, pp. 1617-1625 (adaptado), disponível no acesso <http://cvc.instituto-camoes.pt/ciencia/e34.html> (consultado em 2012.09.24).
- Paul Oskar Kristeller (1995), *Tradição clássica e pensamento do renascimento*. Tradução de Artur Mourão (Título original: *The Classics and Renaissance thought*. Cambridge, Mass.: Harvard University Press). Lisboa: Edições 70.
- Virgínia Soares Pereira, «Relato Hagiográfico e memória clínica: afinidades na organização discursiva de André de Resende e Amato Lusitano», in José A. Sán-chez Marín y M.^a Nieves Muñoz Martín, eds. (2004), *Retórica, Poética y Géneros Literarios*. Granada: Universidad de Granada.
- Sophia Angelides (1995), *A. P. Tchekhov: Cartas para uma poética*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo.